

la deslateralización de la palatal lateral y el relajamiento de la -d- intervocálica, entre otros.

Todo lo expuesto se ve apoyado por una continua referencia a la bibliografía; el autor ha utilizado 495 obras (37 de él mismo); no falta prácticamente ninguna lectura relacionada con el tema de la obra.

En relación a las fuentes consultadas (incluyendo los corpus), se cuentan 91 obras para el periodo del gallego medieval (y el latín vulgar), 58 para el gallego medio y 65 para el contemporáneo.

Diríamos, para acabar, que es una historia total de la historia de los cambios lingüísticos operados en Galicia durante dos mil años, expuestos con total rigor y avalados por la lectura atenta y crítica de los estudios existentes –entre los que se encuentra la propia investigación de Mariño Paz–. Un libro esencial que no debe faltar en las bibliotecas, sean públicas o privadas.

### Referencias bibliográficas

- Barreiro Fernández (1982): X. R. Barreiro Fernández, “Sinais do acontecer histórico de Galicia”, in R. Lorenzo / D. Kremer (eds.), Tradición, actualidade e futuro do galego. Actas do coloquio de Tréveris (13 a 15 de novembro de 1980). Santiago de Compostela: Xunta de Galicia, pp. 49-64.
- Mariño Paz (1998): Ramón Mariño Paz, *Historia da lingua galega*, Santiago de Compostela, Sotelo Blanco Edicións, 582 páginas. ISBN: 84-7824-333-X.
- Varela Barreiro (1999): Xavier Varela Barreiro, “Historia da lingua galega. R. Mariño Paz”, *Cadernos de lingua*, 20. A Coruña, Real Academia Galega, pp. 149-156.

---

Silvina Pereira (2017): *Dramas imperfeitos. Teatro clássico português: um repertório a descobrir*, Lisboa, Eos Edições / Centro de Estudos Clássicos, 2017, 199 páginas. ISBN: 978-972-9376-48-1

José Alberto Ferreira  
Universidade de Évora  
jaf@uevora.pt

1. Data de há quase cem anos a constituição do *corpus* conhecido de uma significativa porção do teatro português quinhentista.

Com efeito, quando Carolina Michaelis de Vasconcelos publicou, em 1922, o volume com 19 autos portugueses que encontrara na Biblioteca Nacional de Madrid, maioritariamente desconhecidos, encerrava-se o período de constituição do corpus do nosso teatro clássico, e aprofundavam-se os termos que permitem entender uma das razões que justificam a sua quase total ausência dos palcos, da historiografia e da edição. *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina*, titulava a lusitanista a sua descoberta, ancorando-a no fundo mar da dependência do modelo vicentino e da pobreza de recursos para uma dramaturgia nacional digna desse nome.

2. Em abono da verdade, refira-se o trabalho persistente do Centro de Estudos de Teatro, cujo sítio publica todo o repertório actualmente conhecido do teatro português do século XVI e uma parte do século XVII (<http://www.cet-e-quinheiros.com/>), no que constitui um contributo inestimável para a divulgação e o conhecimento dessa porção do nosso teatro. Nesse repertório se encontram, sem distinção de filiação estética ou estilística, ou mesmo de enquadramento historiográfico, todos os textos dos nossos autores dramáticos quinhentistas, garantindo o acesso a edições fiáveis a quem as queira ler e conhecer, em palavras ou em actos cénicos.

3. É com este *corpus* e com *esta* questão de ausência centenária que Silvina Pereira se tem confrontado, desde há mais de 20 anos. Um confronto que se faz com a cena, nas produções do Teatro Maizum, mas também com a edição, particularmente com os textos de Jorge Ferreira de Vasconcelos – as comédias *Aulegrafia*, *Eufrosina* e *Ulissipo* que a companhia levou à cena e editou na versão cénica.

4. *Dramas imperfeitos* recolhe os textos breves que a autora publicou entre 2012 e 2014 no *Jornal de Letras*, justamente com o fito de «perspectivar o teatro português do século XVI não como uma realização menor, um lugar de desconhecimento, mas como um lugar que devemos visitar e conhecer» (p. 15).

Um total de 27 destes textos tem lugar nesta edição, com objectivos não muito distintos dos anteriormente apontados.

5. A autora, como se disse reputada especialista no teatro de Jorge Ferreira de Vasconcelos, em torno do qual tem desenvolvido também acções de sensibilização em contexto escolar, além de leituras encenadas e de uma exposição na Biblioteca Nacional, identifica o muito que se tem feito nas áreas da edição e da historiografia, mas sublinha o quanto é necessário que a cena conheça este repertório,

única forma de verdadeiramente acarinhar e celebrar a dramaturgia portuguesa de quinhentos. Em busca, propõe, de uma «casa permanente para o teatro português» (p. 19).

6. Seria enfadonho citar todos os autores representados nesta re-visitação do teatro português, de Gil Vicente a Anrique da Mota, Ribeiro Chiado, Camões, Prestes, a par de Diogo de Teive, Sá de Miranda, António Ferreira e Jorge Ferreira de Vasconcelos, e de alguns textos anónimos, com lugar garantido em qualquer amostragem do teatro português do século XVI (como o *Auto dos sátiros*).

6.1. Num ensaio em que tive ocasião de abordar o *efeito de ausência* do teatro português (Ferreira, 2014), no que parece configurar um *imagem* cultural persistente, assinalei justamente que nos textos onde se elencam obras e autores do teatro português até Garrett, sempre eles foram enunciados uns a par dos outros (como acontece com Francisco Manuel de Melo no *Hospital das Letras*, ou com Francisco Luís Ameno na «Advertência do Colector» do *Teatro Cómico Português*). Ao fazê-lo, a autora projecta também um desafio à história do teatro português e às categorias em que têm sido repartidos os textos e os autores dramáticos do nosso século XVI.

7. Já pela persistência, já pela abrangência da abordagem, já pela actualidade da investigação com que cada autor é apresentado, estes *Dramas imperfeitos* convidam o leitor a procurar os textos do teatro esquecido do nosso quinhentismo. Espera-se que convidem também os professores a levar a sua leitura às escolas, os programadores e as companhias de teatro a incluí-los nas suas programações e nos seus repertórios. Não haverá outra maneira de os fazer pertença de todos e parte activa da nossa identidade cultural.

## Bibliografia

Ferreira (2014): José Alberto Ferreira, “O caso do teatro inexistente, ou do teatro como imagem de nós”, *Limite*, 8, pp. 93-126.  
Disponível em:

[http://www.revistalimite.es/volumen%208/06\\_ferreira.pdf](http://www.revistalimite.es/volumen%208/06_ferreira.pdf)

Vasconcelos (1922): Carolina Michaelis de Vasconcelos (ed.), *Autos portugueses de Gil Vicente y de la escuela vicentina*. Madrid, Junta para la Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas.